

Até eu te Encontrar

E se sua alma gêmea não fosse exatamente aquilo que você sonhava?



“Realidade, misticismo, amor, suspense e aventura em proporções exatas.”

Paula Pimenta



**GRACIELA
MAYRINK**





Prólogo

Ela acordou sentindo uma dor imensa por todo o corpo. A luz do sol batia forte em seu rosto, impedindo que abrisse os olhos por alguns instantes. Enquanto isso, foi percebendo tudo ao seu redor. Sentiu a terra levemente úmida embaixo das costas e dos braços e algumas folhas secas que estavam caídas no chão, além do barulho da água da cachoeira. Depois de muito esforço, conseguiu abrir lentamente os olhos, até se acostumar com a luz forte do sol. A primeira coisa que viu foi a copa das árvores. Não fazia ideia de quanto tempo ficou desmaiada, apenas sentia aquela dor latejando da ponta do pé até o topo da cabeça. De repente, se lembrou de onde estava, do que aconteceu.

— Luigi! — disse baixinho. Até o movimento dos lábios causava dor. O próprio ato de respirar doía. Moveu a cabeça levemente para a esquerda e viu Luigi ao seu lado. Ele também estava deitado com as costas no chão. Sua cabeça pendia para o lado direito do corpo e ela notou a linha fina de sangue que escorria pela sua testa. — Meu Deus! — disse em um sussurro, rezando para que ele estivesse apenas inconsciente. Fechou os olhos e não conseguiu evitar que algumas lágrimas escorressem. *Minha culpa, tudo minha culpa*, pensou. Sabia que o que acontecera até aquele momento estava relacionado com sua vida e sua ida para aquele lugar. Sabia exatamente quando começou.



Capítulo 1

Flávia acordou, mas não abriu os olhos. A cama estava uma delícia e poderia ter ficado o dia todo ali. O quarto estava escuro por causa do blecaute que ela pôs por baixo da cortina. Abriu os olhos lentamente, apertando o travesseiro. Macio, ele havia sido uma boa aquisição para a nova casa e a vida que começava. Passou mentalmente o que aquele primeiro dia de aula, em uma universidade e em uma cidade diferente, significaria para ela. Tudo novo, vida nova, uma mudança geral e... o rádio relógio marcava 00:00. Flávia ficou alguns segundos observando os números vermelhos piscarem até se dar conta.

— Ai, meu Deus, não acredito que faltou luz justamente esta noite!
— disse ela rápido, jogando a coberta de lado e abrindo a cortina, para que o sol entrasse no quarto. Andou até a cômoda e pegou o celular. 7:50.
— Impossível chegar a UFV às oito. Preciso começar a usar meu celular como despertador.

Vestiu a roupa e agradeceu por ter deixado separado na noite anterior o que iria usar no primeiro dia de aula. Nada de que ela gostasse muito, afinal não sabia se conseguiria salvar alguma coisa após o trote nos calouros. Juntou os cadernos, pegou a chave do carro e saiu pela porta o mais rápido que pôde.

Após encontrar uma vaga no estacionamento entre o PVA, o prédio principal de aulas da Universidade Federal de Viçosa, e o prédio de Economia Rural, ela foi rapidamente para o primeiro, procurando sua sala. Tentava não parecer caloura, para não ser pega no trote já tão cedo, mas parecia que ninguém se importava. Havia poucas pessoas ali, estava apenas dez minutos atrasada. Entrou rapidamente no prédio, em formato de H deitado, foi até o final do corredor principal e virou à esquerda, conforme indicavam os números grandes das salas, pintados nas paredes. Chegou à porta da sala em que iria ter aula, respirou fundo e, quando ia abri-la, sentiu alguém tocar seu ombro direito.

— Eu, se fosse você, não entraria aí.

Flávia olhou para o lado e viu um rapaz alto, talvez de mais ou menos 1,90 metro. Ele não era o cara mais bonito que ela já havia visto, mas chamou-lhe a atenção, talvez pela altura. Mas foi o lindo e largo sorriso dele que prendeu seus olhos.

— Eu tenho aula aqui hoje.

— Calouros... todos iguais... — Ele virou os olhos e puxou seu braço. — Vem cá.

— Não estou entendendo... — Flávia olhou para os lados e não viu ninguém.

— Olha, primeiro dia de aula na parte da manhã não precisa vir para o PVA. Nenhum professor consegue dar aula, os veteranos fazem uma farrada danada no trote. O que vai rolar aí agora — explicou ele, inclinando a cabeça na direção da sala — é uma aula-trote. Um veterano vai entrar fingindo ser o professor de Cálculo I, marcar prova, passar milhões de livros.

— Ah... — Flávia o encarou desconfiada. — E você decidiu me contar isso por quê?

— Não sei, de verdade. — Ele demonstrou pouco interesse. — Acho que eu fiquei com pena de você, fui com a sua cara. Talvez esteja querendo apenas fazer uma boa ação.

— Sei. — Ela virou-se para a porta da sala. — E quem me garante que essa nossa conversa aqui não é um trote? — Ela cerrou os olhos.

— Isso eu não tenho como garantir, você tem de confiar em mim. — Ele deu de ombros, como se aquilo não importasse.

Quando ela ia responder, chegou outro rapaz.

— Felipe, está tudo arrumado lá na frente, o pessoal já trouxe a tinta. — Ele viu Flávia. — É caloura?

Felipe olhou para Flávia e para Bernardo, seu colega de curso. Ele estava parecendo uma raposa querendo levar uma ovelhinha para o abatedouro.

— Essa caloura é minha, Bernardo, tira os olhos.

— Ok, ok. — Bernardo levantou as mãos. — Bom, deixa eu dar minha aula-trote de Cálculo. — Ele foi andando em direção à sala na qual Flávia ia entrar.

— O que foi que te falei? — Felipe deu um sorriso. Flávia respirou aliviada.

— Quer dizer que eu sou sua caloura? O que basicamente isto significa?

— Não significa nada. Foi um modo de ele te deixar em paz. — Felipe puxou Flávia pelo braço. — Vem, vou te tirar desse prédio antes que fique mais difícil. — Deu uma parada antes de entrar no corredor principal do PVA e tirou um potinho azul do bolso. — Mas deixa dar uma disfarçada. — Felipe colocou um dedo dentro do pote e o levou em direção ao rosto de Flávia.

— Ei, o que é isto? — Ela deu um passo para trás. Ele sorriu, aquele sorriso lindo e largo que já havia dado anteriormente.

— Calma, é tinta guache. Só lavar que sai. É para disfarçar, né? Você não vai sair daqui sem nenhuma pinturazinha, senão o povo lá fora vai te esfolar.

— Você é ótimo para tranquilizar as pessoas. — Ela levantou os cachos ruivos que caíam sobre seu rosto. Felipe fez umas listras nas bochechas e a pegou pelo braço.

— Não sai de perto de mim enquanto eu não mandar. — Não soou como um conselho e sim como uma ordem.

Flávia tentou se manter próxima a ele enquanto iam em direção à entrada principal. Foi um pouco difícil acompanhar os largos passos que Felipe dava, por causa de suas compridas pernas. Ao chegarem à porta, viram um grupo de vinte pessoas pintando alguns calouros atrasados.

— Ei, Felipe! — Uma voz chamou do canto esquerdo. Flávia viu outro rapaz, também bastante alto, mas um pouco mais baixo que Felipe, acenando. Ele estava sozinho, encostado no corrimão que tinha na lateral da rampa de acesso do PVA.

— Grande Mauro, achei que você tinha ido para o prédio da Veterinária. — Felipe foi em direção a ele e Flávia foi atrás, olhando para os veteranos, que aparentemente não a viram.

— Eu ia, mas desisti. Fiquei com preguiça. — Ele olhou para Flávia. — Caloura de quê?

— Agronomia — respondeu ela.

— Prazer, eu sou o Mauro. Divido república com o Felipão aqui. A República Máfia.

— Flávia.

— Verdade, nem tinha perguntado seu nome ainda... Flávia... — Felipe balançou a cabeça.

— Você está mantendo a menina como refém? — Mauro riu. — Não é porque nossa república se chama Máfia que você tem de agir como um gângster.

— Ei, estou ajudando a menina — disse Felipe, apontando para Flávia.

— Sei... Toma cuidado, viu, Flávia — comentou Mauro um pouco baixo, como se fosse uma confidência.

— Qual é, Mauro, já foi difícil convencê-la de que a aula de Cálculo ia ser trote.

— Hum... Pobres calouros. — Mauro ficou imaginando como estaria a aula de Cálculo neste momento, com Bernardo fingindo ser o professor da matéria.

- Esse Bernardo é o que da universidade? — perguntou Flávia.
- Apenas um estudante sem nada para fazer — respondeu Mauro.
- O Bernardo é o maior cara de pau que existe. Ele estuda comigo, veio de Goiás e adora aprontar, principalmente com calouros desavisados — disse Felipe. Ele olhou para Flávia. — Você tem aula onde às dez horas?
- No prédio de Biologia.
- Sabe onde é?
- Sei.
- Ok, então vem comigo, vou com você até ali no RU, o restaurante universitário, e você vai já pra Biologia e fica no prédio esperando a aula. Chegando na Bio, você lava o rosto. Ninguém vai te perturbar lá.
- Meu carro está no estacionamento aqui do lado.
- Ah... Bom, então vamos, você lava o rosto na Economia Rural. Os dois se despediram de Mauro e foram andando para o prédio.
- Não entendo por que você está me ajudando.
- Sei lá... Também não sei. Acho que fui com a sua cara. — Ele a olhou. — De onde você é?
- Lavras, fica no sul de Minas. Sabe onde é?
- Se sei onde é? Eu sou de Alfenas!
- Puxa, pertinho.
- Viu? Eu senti que você era vizinha e por isso fui te ajudar.
- Sei. — Ela sorriu, ele também.
- Mas por que veio fazer agronomia aqui em Viçosa? Na UFLA não tem?
- Tem, mas eu quis mudar de ares.
- Hum...
- Você faz o quê?
- Engenharia de Alimentos. Estou no meu terceiro ano.
- Eles chegaram ao prédio de Economia Rural e Felipe mostrou onde era o banheiro.
- Está entregue. A gente se esbarra. — Ele acenou e saiu.

Flávia entrou no banheiro, lavou o rosto e ficou um tempo olhando para o espelho. Não sabia se estava feliz por ter escapado do trote ou triste por não ter participado da experiência. Ela balançou a cabeça e saiu.

Pegou o carro e foi para o Departamento de Biologia. Ao entrar no prédio, viu outro rapaz sentado em um dos bancos que tinha logo à frente da entrada principal.

— Calouro também?

— Não tem como disfarçar. — Ele riu, passando a mão na cabeça onde o cabelo crescia após ter sido raspado.

— Agronomia também?

— Sim. Gustavo. — Ele levantou a mão para cumprimentá-la.

— Flávia. — Ela sentou ao seu lado.

— Fugitiva do PVA?

— Digamos que fui mandada embora. E você?

— Meu primo estudou aqui, se formou no final do ano passado. Então já sou vacinado pra UFV — disse ele, vitorioso e feliz por ter escapado do trote. — De onde você é?

— Lavras, no sul de Minas.

— Sou de Ribeirão Preto, em São Paulo. — Ele a olhou. — Não quer ir até o trailer que tem aqui atrás do prédio comer algo? Podemos ficar lá enquanto a aula de Biologia Celular não começa.

— É uma boa. Acordei atrasada e nem comi nada ainda.

Os dois foram em direção ao trailer.

— E aí? Escolheu Viçosa por quê? — perguntou Gustavo.

— Queria mudar de ares. E você?

— Porque a UFV é uma das melhores em Agronomia... Se não for a melhor... Não sei como anda a cotação das universidades.

— Mas a ESALQ também é uma das melhores. Piracicaba não é perto de Ribeirão?

— Perto demais. — Os dois riram. — Eu me inscrevi para Lavras também, mas perdi a hora no dia da prova, acredita? Ainda bem que tinha me inscrito aqui para Viçosa. Foram as únicas que tentei.



— Você só fez dois vestibulares?

— É, minha mãe falou que eu era doido. Ela quase morreu quando soube que eu não me inscrevi na ESALQ.

— Bom, não se sinta doido. Eu só fiz aqui para Viçosa.

— Então você é mais doida que eu.

— Para mim, só servia aqui. — Ela deu de ombros.

Chegaram ao trailer e compraram pão de queijo e café. Sentaram em uma das três mesas que havia ali.

— Você também tem a quinta-feira livre, sem aulas?

— Sim.

— Seria melhor se fosse sexta, né?

— Ah, Gustavo, aí você quer demais. — Eles riram.

— Você vai hoje à calourada?

— Que calourada?

— Você é bem aérea, né? Não sabe da calourada que vai ter esta semana?

— Não faço ideia. — Ela balançou a cabeça.

— Tem calourada até sexta em frente ao ginásio. Montam palco no estacionamento, vêm as bandas da região tocar, rola bebida, dança, essas coisas.

— Hum... acho que não vou não. — Flávia se mostrou desanimada.

— Ah, vai sim. Nem que eu precise te buscar em casa. É nossa entrada na universidade.

— Hoje não rola. Estou ainda cansada, viajei ontem pra cá, ainda nem arrumei minha casa. Quem sabe outro dia.

— Eu vou cobrar.

— Pode cobrar.

Ficaram conversando até a hora da aula. Gustavo falava bastante e isto agradou Flávia. Era fácil se sentir confortável ao lado dele. Ela ficou feliz ao perceber que havia feito um amigo para todo o período que ficasse em Viçosa. E para depois que saísse de lá também.